

A MANCHETE NO PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO: CASO MOÏSE

Letícia Silva de Oliveira Freitas¹

Universidade Estácio de Sá - Rio de Janeiro

Alexandre Marcelo Bueno²

Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo

Paola Andrade Porto³

Universidade Estácio de Sá – Rio de Janeiro

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o percurso gerativo de sentido de uma manchete produzida no campo jornalístico, referente ao plano de conteúdo do texto e seu modo de construção de sentido, com base na Teoria Semiótica Discursiva Greimasiana. O corpus é composto pelo gênero manchete de jornal, que retrata o racismo que extermina vidas negras todos os dias no Brasil, tendo como pauta o caso do jovem congolês Moïse Kabamgabe. Como metodologia, parte-se do método indutivo de um caso concreto para analisar o percurso gerativo de sentido do texto informado, com o referencial

¹ Graduação em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1986), Graduação em Administração pela Universidade Salgado de Oliveira (2015). Graduação em Letras pela Universidade Estácio de Sá (em andamento). Graduação em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (em andamento). Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana pela Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Instituto Oswaldo Cruz (1991). Mestrado em Administração pela Fundação Getúlio Vargas (1997). Doutorado em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (em andamento).

² Graduação em Linguística/Português pela Universidade de São Paulo. Doutor e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral pela FFLCH-USP. Professor visitante da Universidade Nacional de Timor-Leste. Pós-doutorado no Centro de Pesquisa Sociosemiótica (CPS) na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), entre os anos de 2013-2016. Pós-doutorado no Programa de Mestrado em Linguística da Unifran no ano de 2017. Atualmente, é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Correio Eletrônico: alexandrebuono@gmail.com

³ Doutora e Mestre em Ciências Jurídicas e Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense- UFF; Graduada em Direito pelo Centro Universitário Plínio Leite - UNIPLI; Coordenadora do Curso de Direito da Universidade Estácio de Sá. Professora de Direito Faculdade Lusófona do Brasil. Correio eletrônico: paolaporto@id.uff.br

teórico ancorado no autor Algirdas Julien Greimas. Justifica-se a escolha desta pesquisa sob o enfoque nas relações étnico-raciais e sobre o gênero notícia em razão das recorrentes práticas no ambiente comunicacional de narrativas veladas, que perpetuam o racismo estrutural e que, ao final e a cabo, reverberam em ações criminosas como foi o caso, ora objeto de estudo. Para isso, busca-se conceituar os termos semiótica discursiva e o percurso gerativo de sentido da manchete nos níveis fundamental, narrativo e discurso.

Palavras-chave: Semiótica. Percurso Gerativo de Sentido. Gênero jornalístico. Racismo estrutural.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the path of meaning of a headline produced in the journalistic field, referring to the content plan of the text and its mode of construction of meaning, based on Greimas' Discursive Semiotic Theory. The corpus is composed of the newspaper headline genre, which portrays the racism that exterminates black lives every day in Brazil, with the case of the young Congolese Moïse Kabamgabe as its theme. As a methodology, the inductive method of a specific case is used to analyze the path of meaning of the reported text, with the theoretical framework anchored in the author Algirdas Julien Greimas. The choice of this research under the focus on ethnic-racial relations and on the news genre is justified due to the recurring practices in the communication environment of veiled narratives, which perpetuate structural racism and which, in the end, reverberate in criminal actions as was the case, now the object of study. To this end, we seek to conceptualize the terms discursive semiotics and the generative path of meaning of the headline at the fundamental, narrative and discourse levels.

Keywords: Semiotics. Generative Path of Meaning. Journalistic genre. Structural racism.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende fazer uma análise das narrativas feitas em manchetes jornalísticas, notadamente, quando essas narrativas possuem conotação distorcida da realidade e, em se tratando casos em que envolvam pessoas pretas, investigar se tais mensagens estão arregadas de mensagens pejorativas ou mesmo racistas.

A análise será realizada a partir do caso do congolês Moïse Kabamgabe, um jovem negro imigrante, recebeu registro de residência no Brasil, na condição de refugiado e com emissão de passaporte. Ele e três irmãos buscaram abrigo no Brasil, em 2011, fugindo dos confrontos entre as etnias Lendu e Hema, na República Democrática do Congo. Ao reivindicar

seus direitos trabalhistas, por ter sido dispensado do trabalho em um quiosque, na Barra da Tijuca, região oeste da cidade do Rio de Janeiro, foi espancado e torturado até a morte.

Interessa realizar uma análise da manchete, título e subtítulo, do Jornal Portal do Sistema Brasileiro de Televisão – SBT News, do dia 01/02/2022, sob a ótica dos pressupostos teóricos da Semiótica Discursiva. O motivo dessa escolha se deu pelo objeto de estudo da referida pesquisadora com a agenda de investigação sobre as relações étnico-raciais e, também, sobre o gênero notícia, considerando a contribuição da professora Diana Barros no destaque da possibilidade de pergunta de pesquisa com tal escopo.

Para situar o leitor, iniciamos com a contextualização da Semiótica Discursiva e, de forma breve, pautamos a apresentação de suas bases teóricas. Em seguida, trabalharemos com o percurso gerativo de sentido e seus níveis: narrativo, discursivo e fundamental. Seguimos com a articulação dos conceitos presentes na análise da manchete e sub-manchete no decorrer dos níveis do plano de conteúdo, concebido sob a forma de seu percurso gerativo de sentido.

2 DESENVOLVIMENTO

Para melhor compreensão acerca do contexto em que se encontra necessário se faz perpassar pelas teorias discursivas buscando analisar o teor das manchetes sensacionalistas que, muitas vezes, se mostram com conotações racistas, destoando as realidades dos fatos e transformando-as em situações que não correspondem ou que, induzam uma informação mais apelativa para um jornalismo de espetáculo.

2.1 A semiótica discursiva

Tem sentido nesse lugar: o texto, nas suas diversas formas, é objeto de significação. Foi Greimas, pensador do percurso dos sentidos do discurso, que se voltou para a Teoria Semiótica Discursiva, e traz uma proposta teórica e metodológica para ler os textos e analisá-los, de propósito, como produtor de sentidos, de significado, expresso nas mais diversas formas: verbal, não-verbal, visual, verbal e visual, visual de duas ou três dimensões, olfativo, que traz sentido nascido da relação com o outro.

Nos estudos de Barros (2005), vamos ao encontro dos níveis de expressão e do conteúdo, já que o texto só existe quando concebido na dualidade que o define e se complementam: o objeto de significação e objeto de comunicação. Como objeto de significação, o tipo de análise dos seus componentes estruturais é interno, ou seja, das partes que compõe o texto e podendo levar em conta princípios, métodos ou técnicas diferentes usadas na produção textual. A segunda forma, como objeto de comunicação, o texto é visto como uma produção sociocultural e seu entendimento feito através de uma análise externa, ou seja, a partir do contexto sócio-histórico que está inserido. É caro para a Teoria Semiótica do Discurso explicar o sentido do texto através de um plano de conteúdo, assim, “interessa o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz.” (Barros, 2005, p. 11).

A teoria semiótica procura, portanto, explicar os sentidos do texto. Para tanto, vai examinar, em primeiro lugar, os mecanismos e procedimentos de seu plano de conteúdo. O plano de conteúdo de um texto é, nesse caso, concebido, metodologicamente, sob a forma de um percurso gerativo. (Barros, 2003, p. 188)

Esse plano de conteúdo se apresenta na forma de um percurso gerativo de sentido, ou seja, nos orienta a construir o sentido do texto a partir das palavras que nos informam os diversos níveis de linguagem marcados no texto. Mais que intuição, as etapas que compõem

o percurso gerativo orientam a necessidade de enxergar além das margens, ou seja, nos fazem mergulhar no texto, de propósito, com vistas a compreender seus mistérios, a partir de uma orientação metodológica, estudando o sentido do texto provocado através das palavras que o desmistifica e revela os sentidos, com a apresentação do percurso gerativo de sentido em três partes, sejam elas: fundamental, narrativo e discursivo.

Com tal metodologia direcionada para a leitura e análise do texto selecionado, trabalharemos, num gesto inicial, o trajeto como o sentido é construído em um tipo de discurso jornalístico.

2.2 O percurso gerativo de sentido da manchete

É na metodologia, do percurso gerativo de sentido trazida pela semiótica, que ousamos enxergar o texto, além das margens, no seu plano de conteúdo, ou seja, a mensagem que se pretende passar. O que está explícito e implícito e faz sentido traz significação, através de um trajeto que parte de um lugar e segue ganhando sentido na composição de seus três níveis: fundamental, narrativo e discursivo. Esse percurso começa com o nível profundo, que é o fundamental; alcança o nível intermediário, que é o narrativo; e se movimenta para o campo discursivo, aparente. Essa construção de sentido ganha dimensão à medida em que se separa o texto, parte a parte. Quanto mais se mergulha no texto, mais ganha propósito de significado.

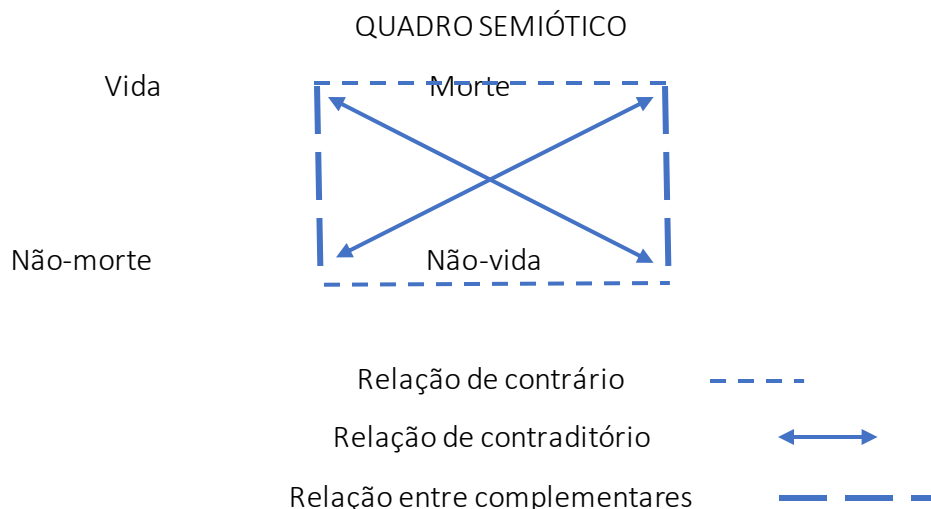
Tendo como referência o plano de conteúdo, analisaremos a seguinte manchete e sub-manchete, do Jornal do SBT News, de 01/02/2022, que é o corpus trazido para esse diálogo semiótico: “vídeos mostram em que o congelês é morto no Rio de Janeiro – Moïse Kabamgabe foi espancado até a morte após cobrar uma dívida trabalhista em quiosque na Barra da Tijuca.”

2.2.1 Nível fundamental

O nível fundamental é o mais complexo e abstrato dos três. Deve-se abstrair ao máximo o objeto de análise para se conseguir nele os valores mais profundos que criam os sentidos, dando base a todo o texto.

Esse nível apresenta o mínimo de sentido necessário para a composição textual e a relação de diferença ou oposição entre dois termos semânticos; oposições de valores entre categorias opostas que não possuem uma valoração invariável, ou seja, o texto é quem irá mostrar o conceito positivo ou negativo. Tais elementos opostos representam uma transformação de estado, que pode receber uma “qualificação semântica”. Os valores positivos são denominados “atraentes ou eufóricos”, já os negativos são intitulados de “repulsivos ou disfóricos”.

Todo percurso nasce das oposições básicas. No texto selecionado como corpus do trabalho, nos traz vida X morte como categorias semânticas. Há, então, uma relação de contrário entre vida e morte; assim como uma contraditoriedade entre vida e não-vida e morte e não-morte, conforme o quadro semiótico abaixo:



A afirmação da vida ocorre no momento em que o congolês vai reivindicar seus direitos trabalhistas. Já a negação da vida ocorre quando ele é espancado e a afirmação da morte quando é morto, em decorrência do espancamento e tortura.

O nível fundamental é mencionado por Gregolin (1995) como ponto de partida da geração do texto, sendo a primeira etapa do percurso de geração do sentido. Determina o mínimo de sentido necessário para a composição do texto, a relação de diferença ou oposição entre dois termos semânticos, explicando os níveis mais abstratos da produção. Tais elementos opostos representam uma transformação de estado, que pode ser *eufórica* (quando é positiva) ou *disfórica* (quando é negativa). (Bellomo-Souza *et al*, 2018)

Para a análise da narrativa, euforia, isto é, o aspecto positivo da narrativa, configura a vida; e disforia, o aspecto negativo da narrativa, configura a morte, como observados no quadro semiótico, acima, com as oposições centrais.

2.2.2 Nível narrativo

O segundo nível é o narrativo, o qual trabalha com a narratividade, ou seja, para a semiótica, todo texto, toda manifestação discursiva é uma narrativa, uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes, sempre como a presença de sujeitos. Esses sujeitos podem ser pessoas, animais, coisas. Podem também não estar explícitos, porém estão implicados, sujeitos que desenvolvem ou sofrem ações. Na sintaxe narrativa, há os enunciados de estado e os enunciados de fazer, sendo o primeiro por estabelecer relações actanciais, com um sujeito e um objeto ligados em conjunção ou disjunção. Em conjunção, o sujeito se apropria do objeto. E em disjunção, quando o sujeito é privado do objeto. A narrativa simula a história do homem em busca de valores, dos contratos e conflitos que marcam os relacionamentos humanos.

De acordo com Fiorin (1995, 2013), na sintaxe do nível narrativo se analisa qual o caminho feito pelo sujeito para transformar um estado inicial para outro estado. O movimento pode ser de um estado inicial com um objeto valor para um estado de disjunção com esse objeto de valor ou vice-versa. Essa transformação apresenta uma narratividade que se dá em 4 etapas, as quais compõem o programa narrativo canônico que é uma antecipação, algo possível e que possibilita analisar as ações humanas:

No nível das estruturas narrativas, as categorias fundamentais são convertidas à ordem do fazer. Trabalha-se, então, com dois tipos de enunciados elementares: os de estado, em que um sujeito está em relação de conjunção ou de disjunção com um objeto, e os de fazer, em que se opera uma transformação na relação entre sujeito e objeto: de disjunção para conjunção ou vice-versa. As operações de aquisição e de perda de objetos correspondem, respectivamente, à afirmação e à negação de valores no nível fundamental. (Oliveira; Landowski, 1995, p. 77)

Manipulação: nessa fase, um sujeito manipulador age sobre o sujeito do fazer, persuadindo-o a querer ou dever fazer algo em específico. Essa manipulação pode ocorrer de formas diversas, como por meio da tentação, quando se influencia o sujeito a querer fazer algo, oferecendo-lhe um reforço positivo; por intimidação, quando se influencia o sujeito a dever fazer algo ao informar que caso ele não faça terá um retorno negativo; por meio da sedução, quando se manipula o sujeito a querer fazer algo, ao construir uma imagem positiva dele ou pela provocação, quando se instiga o sujeito a dever fazer algo, construindo uma imagem negativa dele.

Competência: o sujeito é dotado de um poder e/ou saber fazer para realizar o que foi influenciado a fazer.

Performance: o sujeito entra em conjunção ou disjunção com um objeto valor específico, cumprindo o que foi sugerido que fizesse durante a manipulação – ou, ao contrário, realizando outras ações não previstas.

Sanção: existem dois tipos de sanção: a Cognitiva e a Pragmática. Na cognitiva, existe um reconhecimento de que o sujeito fez (ou não) algo. Na pragmática, o reconhecimento toma forma de recompensas ou castigos.

A manipulação é uma espécie de contrato entre as funções, e entendemos, a partir do nosso corpus, sendo o destinador manipulador, o enunciador – os agressores – e o destinatário manipulado que é o congolês. É ele que sofre a manipulação.

1º momento: Moïse, o sujeito, está em disjunção com seu direito trabalhista e vai cobrar para estar em conjunção. Os agressores manipulam pela intimidação e, como não conseguem o que querem (que o congolês vá embora), eles passam para agressão (que é a punição após observar se a manipulação saiu como queriam – o que não aconteceu).

A partir do momento da performance - o enunciado de fazer - vai causar a transformação de um estado inicial. E o estado inicial é o estado de disjunção de Moïse com os direitos trabalhistas e conjunção com a vida. A partir da transformação, há disjunção com os direitos e disjunção com a vida (ou conjunção com a morte)

Quando tem o enunciado de fazer, os agressores fazem o nível da manipulação pela intimidação, ocorre uma transformação desses sujeitos e o congolês continua com a disjunção com seus direitos e estava com conjunção com a vida, a partir desse momento passa a ficar em disjunção com a vida.

Antes da manipulação, os agressores estão em disjunção com o congolês e conjunção com a opressão. A opressão vai causar violência.

Moïse está em disjunção o tempo todo. Não consegue ficar em conjunção e, ainda, perde a vida, como sanção, ou seja, o reconhecimento de que a manipulação não levou o sujeito a fazer/querer/poder o que devia, toma forma de castigo. Chega-se, assim, a uma sanção que é negativa para Moïse: sua morte.

2.2.3 Nível discursivo

É no terceiro e último nível, o discursivo, onde “as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhe dão concretude.” (Fiorin, 2002, p. 29) Sendo assim, nessa relação entre níveis narrativo e discursivo, quanto mais “profundo o nível, [...] mais simples são as unidades, assim como mais abstratas. Quanto mais superficial, mais essas unidades se complexificam e se concretizam.” (Lara; Matte, 2009, p. 20-21)

Nesse nível, deve-se objetivar a fundamentação de pessoa, espaço e tempo, ou seja, analisar se há marcas da enunciação no enunciado. Na semântica do nível discursivo, deve-se definir os temas presentes no discurso, assim como as figuras que dão tangibilidade aos elementos abstratos dos níveis mais profundos do texto. A semântica discursiva opera com temas de natureza conceitual e figuras de caráter concreto, que são dois patamares sucessivos de concretização do sentido, se organiza através dos procedimentos de tempo, espaço e pessoa em que se baseiam o texto.

Como a linguagem é carregada de subjetividades e tem a sua opacidade, os sujeitos ao falarem empregam variados efeitos de sentido. Nesse eixo, a enunciação possibilita um intenso compartilhamento de interpretação. Os mecanismos da debreagem e a embreagem são instaurados para a actorialização, temporalização e espacialização. Enquanto a debreagem é o distanciamento da instância da enunciação das categorias pessoa, do espaço e do tempo, a embreagem é o efeito de proximidade à enunciação pela neutralização das categorias e sua denegação.

No corpus de análise que está sendo trabalhado, tem-se um texto enunciativo, a partir de uma debreagem enunciativa, já que o texto é produzido em terceira pessoa, pela instauração de um sujeito na terceira pessoa do plural no enunciado, provocando um efeito de distanciamento e de objetividade e, ainda, um narrador que intenciona exibir a “verdade” dos fatos, buscando manter, aumentar sua credibilidade frente ao leitor.

Essa alteração na correlação de forças de reprodução racista da mídia é fruto de um processo de luta do movimento organizado negro e ativistas contra o racismo estrutural que sempre garantiu aos brancos, no Brasil, o controle dos espaços de poder, nas diversas esferas, política, econômica e, também, na mídia.

No que se refere ao tempo da enunciação, tem-se o presente do indicativo na apresentação dos fatos, na manchete, “Vídeos mostram momento em que congolês é morto no Rio de Janeiro”, o “agora”, que indica a atualidade entre o evento narrado e o momento da narração. O “agora” é reinventado a cada vez que o enunciador enuncia (Benveniste, 1974, p. 74). É uma forma de estender a ação até o momento do agora, da produção do jornal e da leitura do enunciatório, dando-lhe status de atualidade, ainda mais se tratando de um jornal online.

Já a sub manchete traz o tempo verbal no pretérito perfeito, quando mostra o detalhamento da manchete sobre a morte do congolês, ou seja, trazendo mais informações para o leitor, de como ocorreu a ação circunscrita, acabada.

Quanto à projeção do espaço, os adjuntos adverbiais de lugar “Rio de Janeiro” e “Quiosque da Barra da Tijuca”, localizam espacialmente a ação, dando-lhe o efeito de sentido de realidade. Estamos falando de um dos estados elitizados do Brasil, com a segunda maior economia do Brasil e situado na região sudeste, principal centro industrial do país, reconhecido internacionalmente pelos seus pontos turísticos. E, ainda, o bairro da Barra da Tijuca, região considerada nobre que reúne emergentes, políticos, artistas, com intensa valorização de residências. Área elitizada, com uma grande diversidade de shoppings, casas noturnas e restaurantes. E, ainda, tem uma orla extensa: são cerca de 7km de ciclovia e praia.

Retomando a questão estrutural do racismo, conforme argumenta Arruda (2020), ele está embreado em toda a sociedade, no seu cotidiano, inclusive o direito de ir e vir, de mobilidade urbana, em espaços delimitados para os brancos. É o peso da cor no acesso aos

direitos universais. E no caso de Moïse Kabamgabe, trazia tripla marca do racismo pois, além de negro, era africano-imigrante, tido como refugiado pelo senso comum da sociedade brasileira, como fala o sociólogo Alex Vargem, em entrevista ao portal Geledes, em 23/11/2021:

O africano que chega aqui hoje é visto como o refugiado, uma vítima passiva à espera de ajuda. E é claro que tem pessoas que passam por adversidades, mas muitos são intelectuais, profissionais liberais, estudantes. Temos africanos fazendo pesquisa de ponta em grandes universidades, mas isso não os exime de serem discriminados, xingados, de sofrerem xenofobia. Em 2007, na UnB, atearam fogo a três apartamentos onde viviam estudantes africanos enquanto eles dormiam. Na Unesp, em 2012, fizeram pichações racistas contra intercambistas da África. Muitas vezes a violência que não é manifestada contra corpos de negros brasileiros é manifestada contra corpos de imigrantes que aqui estão.

A carga para negros e imigrantes é dupla no sentido do preconceito racial e xenofóbico estarem intimamente ligados. O congolês Moïse, além de buscar um direito, que por ser negro pode ser violado, pelo racismo, circulou em espaço de solo de controle do poder do branco.

No curso do processo civilizador do Brasil, o lugar do negro sempre foi de submissão, marginalidade, exclusão social, ou seja, numa condição de raça inferiorizada, subjugada pela colonização e mesmo após a abolição, desqualificada como etnia, por não responder aos padrões intimados pela sociedade. A construção da identidade racial na sociedade brasileira se revela por toda uma supremacia da cor de pele clara através da qual se mantém a práticas de poder e dominação.

Moïse foi brutalmente assassinado, com, aproximadamente, 30 pauladas e depois amarrado, nos fazendo lembrar a violência naturalizada no sistema escravista brasileiro. O congolês não podia cobrar uma dívida trabalhista, porque era negro e estrangeiro a querer receber pelo trabalho que fez, em uma sociedade dominada por uma consciência colonial e

por um racismo estrutural, com valores contrários aos imigrantes. E que, de uma certa forma, permite que as pessoas considerem uma ação a ser punida: um negro e imigrante, que não é considerado um cidadão de direitos, cobrar uma dívida trabalhista de brancos brasileiros.

Debater a questão étnico-racial é pensar a história do Brasil na sua diversidade real, que não pode ser resgatada sem considerarmos a lógica dominante do branqueamento como formato de civilização em formato de igualdade. Com uma sólida base teórica, a considerar pelas referências bibliográficas, o professor Silvio Almeida pauta o conceito de racismo estrutural como marca de uma herança de centenas de anos de escravização dos negros e negras trazidos da África. Almeida (2019, p. 50) argumenta que o racismo estrutura a arquitetura social e econômica brasileira, o acesso à cultura, à mídia, suas instituições.

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e procedimentos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição.” Neste caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas (Almeida, 2018, p. 38).

Observamos que desde o período colonial até os dias de hoje, apesar de sermos um país multicultural, a temática étnico-racial é alvo de desigualdade e discriminação vividas pela população negra, em que “o racismo, cuja essência reside na negação total ou parcial da humanidade do negro e outros não-brancos, constituiu a justificativa para exercitar o domínio sobre os povos de cor.” (Gonzalez; Hasenbalg, 1982, p. 69).

Os “sistemas simbólicos”, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade

que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, “uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências. (Bourdieu, 1989, p.9)

Constatamos que a lógica eurocêntrica evolucionista justificou ao longo da História, ideologicamente, os processos de colonização com narrativas de sustentação e de hierarquização de grande parte da sociedade e de invisibilização de determinadas populações. A lógica predominante engendra, até hoje, uma ordenação racial no mundo, em um processo de desumanização dos povos colonizadores em relação aos povos colonizados. O discurso hegemônico perpetua uma visão de mundo centrada em fazer ciência e história tendo como referência o modelo criado pelos Europeus. Numa forma de afronta aos Direitos Humanos estruturou-se a invisibilidade produzida pela mídia contra a população descendente de escravizados africanos.

Por outro lado, há que se levar em consideração o sensacionalismo midiático da sociedade contemporânea, assim como bem pontuado por DEBORD (1992), com o termo *sociedade do espetáculo* que supervaloriza as informações dos crimes violentos, corrupção e misérias, banalizando o cotidiano das pessoas mais vulneráveis.

3 CONCLUSÃO

A semiótica discursiva se revela como uma lanterna nas sombras, iluminando as estruturas discursivas muitas vezes imperceptíveis que sustentam o racismo. Ao examinar os signos verbais e não-verbais, somos capazes de desvendar as nuances das mensagens que contribuem para a construção de narrativas discriminatórias. Essa capacidade de revelar estruturas invisíveis é fundamental para confrontar eficazmente o racismo, pois nos permite ir além do óbvio e entender as sutilezas presentes nas comunicações diárias.

A intertextualidade, quando interpretada através da lente semiótica, oferece insights valiosos sobre como as narrativas raciais são construídas e reforçadas através de diferentes formas de mídia e cultura. Ao analisar filmes, músicas e outros meios de expressão cultural, podemos compreender como as referências cruzadas contribuem para a criação de significados que permeiam a sociedade. A semiótica discursiva, ao destacar essas interconexões, capacita-nos a desafiar as narrativas prejudiciais e a promover uma representação mais justa e equitativa.

A aplicação prática da semiótica discursiva na análise do racismo não se limita à mera compreensão acadêmica. Ela tem o poder de catalisar uma transformação real e tangível na sociedade. Ao revelar as estratégias discursivas que perpetuam o racismo, a semiótica oferece uma base sólida para a criação de contra-narrativas e movimentos sociais que buscam a igualdade. A conscientização gerada por meio dessa análise crítica é o primeiro passo crucial em direção a uma mudança significativa.

Bourdieu (1983, p.73) diz que “Não existe palavra neutra para falar do mundo social, e a mesma palavra não significa a mesma coisa, dependendo da pessoa que a fala”. E complementamos com dois esclarecedores excertos de Volóchinov: “Com a ajuda da linguagem/língua, criam-se e formam-se os sistemas ideológicos (a ciência, a arte, a moral, o direito) e ao mesmo tempo a língua cria e forma a consciência do homem” (2019, p.264 [1930])

Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados [...] *A palavra é orientada para um interlocutor*, ou seja, é orientada para *quem* é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, mãe, marido etc.) [...] Toda palavra serve de expressão ao ‘um’ em relação ao ‘outro’ (2017, p. 204-205).

Concebendo a linguagem por esse prisma, a prática do discurso é tanto uma condição quanto um efeito da estrutura social. A compreensão histórica das desigualdades sociais, do racismo e do preconceito estruturam a sociedade brasileira. Essas relações de poder e vigilância exercidas pela língua/linguagem do colonizador português comprovam o aspecto histórico do colonialismo, ainda presente nos dias de hoje. Embora o colonialismo histórico tenha acabado, ele permanece como colonialismo do poder (epistemológico), na exploração econômica que se impõe nas zonas de sociabilidade colonial e metropolitana. Negros, mulheres, imigrantes, indígenas podem viver cotidianamente as exclusões sociais quando passam de uma linha à outra: das exclusões abissais (colonial) às exclusões não-abissais (metropolitana).

A semiótica discursiva emerge como uma aliada inestimável na análise e combate ao racismo. Sua capacidade de desvendar as complexas camadas de significado presentes nos discursos revela as estruturas que perpetuam a discriminação racial. Ao desconstruir estereótipos, analisar a linguagem política, explorar a intertextualidade e promover uma conscientização social transformadora, a semiótica discursiva não apenas analisa o problema, mas também aponta caminhos para a mudança.

Podemos, então, dizer que a imprensa é imparcial ou não existe racismo? Sabemos que a imprensa é um instrumento importante na formação da opinião pública e pode fortalecer ou negar práticas racistas e usar seu discurso massivo para acirrar, ainda mais, as desigualdades sociais no Brasil.

Para superar o racismo, é imperativo desafiar os discursos prejudiciais e construir pontes de entendimento. A semiótica discursiva fornece as ferramentas necessárias para esse desafio, capacitando-nos a criar uma narrativa mais inclusiva, justa e igualitária. Ao adotar essa abordagem crítica, não apenas compreendemos o racismo, mas também trabalhamos ativamente em direção a um futuro em que a diversidade é celebrada e a discriminação é finalmente erradicada.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.
- ARRUDA, Eucídio. Implementação das tecnologias digitais nos currículos das escolas de Educação Básica dos países membros da OCDE. *In*: SIQUEIRA, Ivan Cláudio Pereira (org). **Subsídios à elaboração da BNCC**: estudos sobre temas estratégicos da parceria CNE e Unesco. São Paulo: Moderna, 2018.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. *In*: FIORIN, José Luiz (org.) **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2003.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2005.
- BELLOMO-SOUZA, Ana Paula *et al.* Percurso Gerativo do Sentido: uma análise do selo comemorativo do centenário do nascimento de Luiz Gonzaga da composição Asa Branca, 2018. **Anais do XI Seminário para Educação**. Disponível em:
https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cpmenu/5937/BELLOMO___PERCURSO_GERATIVO_DO_SENTIDO_1556135851647_5937.pdf.
- BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale**. Paris: Gallimard, t. 2, 1974.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Tradução Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do Discurso**. 15 ed. 4 reimpr. São Paulo: Editora Contexto, 2018.
- GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 75-85, maio-ago. 2003.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos.** Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, p. 98-109, jan.-abr. 2012.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. *In*: LUZ, Madel T. (org.). **O lugar da mulher**: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido II**: ensaios semióticos. 1aed. São Paulo: Nankin: Edusp: 2014.

MATTE, C. A. F.; LARA, G. M. P. Semiótica greimasiana: estado de arte. *In*: PINTO, J.; CASA NOVUMA, V. (org.). **Algumas semióticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de; LANDOWSKI, Eric. **Do inteligível ao sensível**: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas. São Paulo: EDUC, 1995.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2001.